

Animação, tradição e cultura como fatores de preservação da memória e desenvolvimento rural

MARIA JOSÉ DOS SANTOS CUNHA * [mjscunha@net.sapo.pt]

Resumo | Ao longo de mais de meio século, o rural tem conhecido múltiplas transformações, algumas das quais levaram a que parte dos territórios que nele se incluem venham assumindo processos mais ou menos profundos de reinvenção e recreação. O mesmo acontece com Paredes do Rio, aldeia barrozá, situada na freguesia de Covelães, concelho de Montalegre e sobre a qual recai este artigo, no qual pretendemos dar conta de um projeto de investigação nascido do fascínio e interesse que temos pela região do Barroso. Com ele pretendíamos encontrar respostas para a questão que então se nos colocou, de forma a sabermos se a revitalização das tradições, desde que aliada à cultura e à animação, poderia ser um foco de atração de turistas àquela aldeia. A metodologia utilizada na investigação foi de cariz quantitativo, com recurso ao inquérito por questionário e os resultados que com ele conseguimos refletir que a dinamização de experiências e vivências culturais, como a de recriar as tradições, permitem a quem visita, experienciar uma vivência sociocultural que se materializa no afeto e na forma como se é recebido. Os resultados obtidos confirmam as hipóteses de partida, cabe, no entanto, à comunidade decidir o caminho por onde quer enveredar, na certeza de que se esse caminho for o do turismo, tem de se preparar para os desafios que essa sua decisão coloca.

Palavras-chave | Animação, Cultura, Turismo, Desenvolvimento, Rural.

Abstract | For over half a century, the rural world has known multiple transformations, some of which have led to the fact that part of the territories included within it has assumed more or less profound processes of reinvention and recreation. The same goes for Paredes do Rio, a village from the Barroso region, located in the parish of Covelães, county of Montalegre, and which is the subject of the present paper. In this work, we intend to present a research project born out of the fascination and interest we have for the Barroso region. With it, we sought to find answers to the question which was then raised, in order to know whether the revitalization of traditions, provided that it would be combined with culture and entertainment, could be a focus for attracting tourists to that village. The methodology used in the research was quantitative in nature, using the questionnaire survey, and the results achieved reflect that the dynamics of experiences and cultural livings, such as recreating traditions, allow visitors living a social-cultural experience that materializes in the affection and in the way they are welcomed. The results confirm the initial hypothesis; it is, however, for the community to decide the path it wishes to take, in the certainty that, if that path is tourism, it has to prepare for the challenges that this decision poses.

Keywords | Animation, Culture, Tourism, Development, Rural.

* **Doutorada** pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, **Professora Auxiliar** na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

1. Introdução

O rural é um espaço transformado e em transformação que, face às alterações que as sociedades contemporâneas e particularmente a portuguesa sofreram, se transformou num espaço desertificado, onde apenas os idosos e os menos escolarizados permanecem e que vem, apesar do agravamento do despovoamento, assumindo novas vocações e funções e com isso conseguindo alguns bons exemplos de desenvolvimento local.

Com uma indústria incipiente, lenta evolução agrícola, fraca expressão turística e ausência de empregabilidade, muitos são os desafios que se colocam a estes territórios. Mas como para grandes males, grandes remédios, a solução passa por uma crescente disponibilidade de abertura destes territórios ao exterior em vários domínios. Tendo em vista o seu desenvolvimento, é às comunidades que cabe este papel, que será tanto mais forte quanto maior for o seu empenho nas tomadas de decisão necessárias. É sobre um desses territórios, uma aldeia barrosã do concelho de Montalegre, denominada Paredes do Rio, que se debruça este artigo, no qual pretendemos retratar os traços mais marcantes de um projeto de investigação, nascido do fascínio e interesse que temos pela região. Com ele desejávamos encontrar respostas para a questão que então se nos colocou, de forma a sabermos se a revitalização das tradições, desde que aliada à cultura e à animação, poderia ser um foco de atração de turistas. Os objetivos que nos moviam iam no sentido de verificar as potencialidades de Paredes do Rio em termos de animação, tradição e cultura, com vista a um impulsionamento turístico da aldeia, até agora afastada desses circuitos, bem como dar a conhecer uma das tradições que a aldeia anualmente recria: a matança tradicional do porco bísaro. O estudo assentou numa estratégia metodológica de cariz quantitativo, com recurso ao inquérito por questionário, técnica que nos pareceu ser a mais adequada às características e finalidades do mesmo, bem como na observação direta e conversas informais que mantivemos com habitantes da região.

2. A animação: marco importante na vida das comunidades

Quer quando inova através de técnicas, ideias e conhecimentos, quer quando cria cultura, a animação é um marco importante na vida das comunidades. Na ótica de Úcar (1992), a animação é considerada como um processo coletivo de produção que, a partir da bagagem cultural e tradicional da comunidade e através da sua participação ativa, procura gerar novos elementos, atividades e processos culturais, que a coloquem numa linha de avanço e progresso. A UNESCO entende esta forma de dar vida e movimento a um conjunto de pessoas e de lhes proporcionar comunicação e socialização, como um “conjunto de práticas sociais que tem como finalidade estimular a iniciativa e a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integradas” (Froufe Quintas e Sánchez Castaño, 1998: 33). A animação, segundo Completo (2005: 5), “é uma actividade que se constrói através de dinâmicas participadas. Em contexto turístico tem um nível de intencionalidade em que a relação é fundamental, se não houver um *interface* comunicacional entre quem vê e quem faz, a ‘coisa’ perde-se”. Assim sendo, não admira que à animação, cujo objetivo é levar a que o turista se interesse por essas comunidades e, com isso, viva e entenda melhor comportamentos e atitudes diferentes das suas, esteja reservado um importante papel nas comunidades rurais que querem abrir-se ao exterior.

É opinião de Cavaco (2005: 2) que, “falar de turismo, sem apostar nas actividades de animação a jusante do sector, constituiria sem dúvida um contra senso”. Aliás, é através da animação que as populações ocupam muito do seu tempo livre, se envolvem e convivem, envolvimento que “visa transformar o meio social, melhorando-o e disponibilizando-o a cada interveniente, que dele retirará os sortilégios que entender” (Fonte, 2001: 11). Propósito que ganha mais verdade quando “estimula a capacidade

dos participantes para transformar ideias em projetos, quando os encoraja a participar nos interesses da sua vida cultural e social” (Cunha, 2000: 45). Contudo, o conjunto de atividades que a animação disponibiliza pode e deve ser enriquecido por parcerias com outras entidades, sem deixar nunca de garantir a colaboração das populações.

3. Tradição e cultura

O povo português foi desde sempre um povo de tradições, “costumes, formas de trabalhar, cantar e rezar, que perduram por séculos de vida; outros desaparecem e deles não fica recordação e memória nas histórias, nos instrumentos, nos lugares que os viram florir e morrer” (Ferreira, 2005: 132). Próprias de cada região e comunidade, as tradições é suposto ocorrerem de determinada forma e em determinados momentos e nelas se incluem objetos materiais e imateriais que, segundo o entendimento de Shils (1981: 15), “têm que durar pelo menos três gerações — sejam elas longas ou curtas — para ser uma tradição”. Este conhecimento, transmitido de pais para filhos, preservado na memória coletiva pelas sucessivas gerações é, por vezes, animado através da encenação de ritos e dessa forma chega até nós. Pode assim encarar-se a tradição como um fator dinâmico de transmissão, manutenção e transformação da herança recebida, cuja importância advém do facto de nos vir de um passado imemorial que herdamos e que é autêntico e diferente. É o facto do ser humano necessitar de uma memória coletiva, de conhecer as suas raízes e o seu passado, que lhe permite dar passos em direção ao futuro e o leva a tentar agarrar o tempo para manter essas tradições. Porém, e porque a tradição não é simplesmente passado, mas a continuidade, o fermento que prossegue e a semente que perpetua, “a memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informação do passado, tendo em

vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração” (Santos, 2004: 59). Por sua vez, a cultura — complexo conjunto de características que engloba a sabedoria, as crenças, os costumes, as leis, as moralidades e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade — está enraizada no mundo que nos rodeia e é perceptível nos livros que lemos, na comida que comemos, na música que ouvimos e até na roupa que vestimos. Cultura e tradição constituem, portanto, parte importante da sociedade, na medida em que são a essência que a caracteriza. A tradição faz parte da cultura, no entanto a cultura consegue subsistir sem a tradição, já a tradição não consegue sobreviver alienada da cultura. A propósito Ander-Egg (2003: 49-50) refere que,

“(…) as classes populares foram no passado depositárias vitais da cultura nacional. Porém, os tempos mudaram e o desenvolvimento cultural (...) não pode continuar a defesa e afirmação do passado: é desse passado que se deve criar o presente e projetar o futuro.”

De facto, a partir da segunda metade do século XX, despertou uma nova sensibilidade face a referentes culturais, levando a que hoje se atribuam novos valores, sentidos, usos e significados a objetos, modos de vida, saberes e conhecimentos sociais. Por vezes, o objetivo a atingir, mais do que a continuidade de uma tradição, é a revitalização de uma área territorial que, através da sua patrimonialização e turistização, se reproduz, revitaliza e consegue reconstruir a sua identidade.

4. Importância do turismo no espaço rural

Nas suas diferentes modalidades, o turismo surge como um dos setores mais vantajoso para o nosso país, por possibilitar a promoção do campo

ou das cidades, o que leva a que venha suscitando um interesse crescente como atividade económica alternativa para muitas zonas rurais.

Como refere Cavaco (2005), durante muitos anos o desenvolvimento rural esteve relacionado com o setor agrícola. Com o declínio da agricultura – motivado pelo envelhecimento da população e pela desertificação – também o mundo rural entrou em declínio e, porque precisa ser valorizado, teve necessidade de lançar mão de atividades, serviços não agrícolas e procurar no turismo a solução para as dificuldades que enfrenta “na tentativa de se contrariar a tendência do protecionismo como medida capaz de resolver os problemas da agricultura e do mundo rural” (Augusto *et al.*, 2010: 502). Assim acontece em relação a muitas pequenas aldeias do interior, onde, apesar da população continuar a envelhecer e a declinar, se verificam novas dinâmicas, hábitos e atitudes.

Como forma de sedução do turista, a par do espaço, e como referem Santos e Paulino (2010), também o tempo é um fator importante a ser considerado. É deste facto que advém a importância da memória, que permite não apenas a perceção do tempo e da sua duração, mas que, ao participar na construção da identidade, interliga os dois tempos, o passado e o presente. A memória, cuja reconstituição pode resgatar usos, costumes e tradições, pode constituir-se como elemento potenciador da procura, daí que as festas, as tradições, os eventos populares e a própria ruralidade — que se assumem hoje como instrumentos privilegiados de recuperação da memória, do imaginário coletivo e do património — possam corresponder em absoluto a “novos/futuros” produtos turísticos.

O rural contém muitas vidas e sementes de muitos futuros, que para germinarem precisam que as populações se apoiem no passado e no presente e da aliança entre turismo e cultura, pode surgir uma fonte de prosperidade e bem-estar social para os territórios rurais.

5. Estratégia metodológica

Após definirmos o âmbito de investigação deste trabalho, iremos debruçar-nos sobre o processo metodológico desenvolvido.

O tipo de pesquisa selecionado, no presente caso, foi de âmbito quantitativo com recurso ao inquérito por questionário e que, no dizer de Almeida e Pinto (1980: 101), “é uma pesquisa sistemática e o mais rigorosa possível de dados sociais significativos, a partir de hipóteses já formuladas, de modo a poder fornecer uma explicação” e nos pareceu ser o mais adequado às características do estudo. Este questionário, constituído por dez perguntas fechadas e três abertas, foi passado a cem pessoas em Montalegre, Chaves e Vila Real.

A exploração bibliográfica proporcionou a orientação necessária à investigação e ajudou a definir a problemática relacionada com a pergunta de partida. Problemática que Quivy e Campenhoudt (1998: 91) consideram ser “a abordagem ou a perspetiva teórica que decidimos adotar para tratar o problema posto pela pergunta de partida” e, de certa forma, permitiu uma melhor definição das hipóteses e dos objetivos. A observação direta e as conversas informais que mantivemos com alguns dos habitantes e com elementos da associação foram também extremamente proveitosas.

5.1. Hipóteses

Para Cunha (2009), as hipóteses são as respostas prováveis à pergunta de partida de qualquer investigação e indicam a direção a seguir para se orientar objetivamente a investigação.

Hipótese 1:

“A animação, a cultura e as tradições formam uma tríade indissociável e fundamental no processo de promoção e desenvolvimento turístico de uma região”.

Hipótese 2:

“A animação, tendo por base a cultura e as tradições locais, pode funcionar como estratégia âncora no processo de revitalização dos territórios rurais”.

6. Paredes do Rio – aldeia ecomuseu

Situada na freguesia de Covelães, concelho de Montalegre, Paredes do Rio fica no sopé da serra da Mourela, da qual vem a riqueza deste povo. No passado, o modelo de organização da aldeia era o “comunitarismo”. Nele a participação de todos era necessária para satisfação das necessidades de cada um, “um sistema tendente a manter o equilíbrio e justiça sociais relativamente às técnicas conhecidas e usadas na região” (Dias, 1984: 82).

Zona de carvalhos e vidoeiros nos regatos fundos, carqueja, giesta e urze, que perfumam os extensos baldios e muita água, Paredes do Rio é hoje uma aldeia viva, que tem sabido tirar partido da sua paisagem e das raras antiguidades recuperadas pela ação da sua Associação Social e Cultural que a si alia a prestação de apoio a idosos, a sensibilização da população para as questões da aldeia, a recuperação do património e a abertura da aldeia ao exterior, nomeadamente quando organiza inúmeras festas convívio, como a recriação da segada, malhada, cantar dos reis, sábado filhoeiro, carnaval, magusto ou a matança do porco, às quais acorrem cada vez mais visitantes. O facto de nestas festas serem valorizados e recriados usos, costumes e práticas tradicionais, aliado ao sossego, paisagens atrativas, simpatia dos habitantes e possibilidade de se estabelecerem amizades, funciona como polo de atração de inúmeros visitantes, sempre convidados a partilhar com os locais, os trabalhos, os saberes, os alimentos e as memórias. Por outro lado, contribuem para o desenvolvimento da aldeia, o que para Dinis (2011: 400) significa

“(…) industrialização rural ou desenvolvimento económico da comunidade, para outros assume uma definição mais alargada incluindo aspetos sociais e culturais, significando o desenvolvimento integrado da comunidade e uma valorização dos recursos naturais.”

O Ecomuseu do Barroso, que integra funções de documentação, investigação e interpretação dos valores culturais e naturais da região e se assume como elemento estratégico de desenvolvimento integrado e sustentável do território barrosão, é, sem dúvida, o elemento âncora da aldeia de Paredes. O ecomuseu combina o tempo, o espaço e o contexto social. Ele é para Rivière (citado por Teixeira, 2005: 3),

“(…) um espelho onde a população se contempla, para nele se reconhecer, onde ela procura a explicação do território a que está ligada, juntamente com a das populações que a precederam, da descontinuidade ou continuidade das gerações. Um espelho que a população mostra aos seus hóspedes para que eles a compreendam melhor, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, pela sua intimidade.”

Com núcleo/sede situado na zona envolvente do castelo de Montalegre, o Ecomuseu funciona como centro interpretativo da região e mostra ter grande criatividade e capacidade de motivar os visitantes a conhecerem os polos ecomuseológicos espalhados por diferentes aldeias do concelho. No caso de Paredes do Rio, podem visitar-se nove moinhos – todos recuperados – que serviam para moer o centeio que, com a carne de porco, era a base de sustentação desta gente e, por vezes, para alguns encontros fortuitos; admirar alguns canastros (espigueiros); ver a fonte da aldeia com duas saídas de água corrente, que transvaza para o bebedouro dos animais e de seguida para o lavadouro público; observar num recinto coberto de colmo um moinho cuja pedra de moer farinha, possivelmente de trigo, tem um dispositivo que lhe permitia obter farinha mais grossa ou mais fina, um engenho de serra hi-

dráulica para cortar troncos e um pisão que ajudava a transformar peças de lã feitas no tear em burel, tecido muito mais quente e resistente às intempéries. Noutro local encontra-se o forno, que, para além da cozedura do pão, servia por vezes como abrigo a um ou outro viajante (peliqueiro ou cigano) que por ali passasse e não tivesse onde ficar e servia também para se juntarem os homens novos e velhos, que aí bebiam os seus copos e tinham as suas conversas. Ao lado do forno encontra-se a forja, onde o ferreiro aproveitava as brasas retiradas do forno. Mais à frente pode admirar-se a torre sineira, com dois sinos que tocam a rebate sempre que há fogo ou morre alguém, neste caso com toques especiais para informar se o falecido é homem, mulher ou criança e ao lado desta, a igreja, cujos belíssimos traços arquitetónicos impõem a sua majestosa silhueta por entre o casario. A par deste património, a aldeia quer manter as suas tradições, razão porque anualmente recia muitas delas, disso fazendo publicidade na *internet* e nos jornais locais.

7. O simbolismo da matança do porco

Nos tempos medievais, o porco era a garantia de subsistência da população europeia, o que leva Flandrin e Mantanari (1988: 283), a afirmarem que “a Europa ‘carnívora’ da Alta Idade Média, a Europa da economia silvo pastoril e das florestas medidas em porcos não pode deixar de considerar este animal como um símbolo e como uma garantia da sua própria diferença”. Foram fatores essencialmente económicos que, desde sempre, levaram a que imensas famílias de norte a sul do país recorressem a ele como forma de proverem a casa com carne para todo o ano. Matar porco era revelador do poder económico de cada família, daí o povo dizer: “*é tão pobre que nem matou!*”.

A importância que se dava ao animal está bem retratada no adágio popular que ao porco se refere nestes termos: “a vaca é nobreza, a cabra mantença,

a ovelha riqueza, mas o porco é tesouro” (Moniz, 1995: 2), pois nele tudo se aproveita.

O abate do animal, para além de assumir enorme importância na economia doméstica, ao apelar à participação e trabalho coletivo, desempenha também importante função social, sobretudo quando dá lugar a momentos excecionais de convívio e reafirmação de laços sociais, o que torna o porco “centro de práticas económicas e festivas, lugar de padrões de sociabilidade e reprodução culinária, inspirando um ritual pleno de expressões simbólicas” (Martins, 1991: 206).

Costume enraizado no povo trasmontano, a matança apresenta-se como manifestação festiva de carácter familiar, ao reunir na mesma mesa os familiares e amigos, que nela participam, numa refeição, no geral abundante, composta essencialmente por produtos retirados do porco, pois lá diz o ditado: “*um sabor tem cada caça, mas o porco cem alcança*”.

Antigamente havia mesmo o costume de não se deixarem ir as crianças para a escola neste dia, para também elas poderem gozar a festa. Porém, o ato da matança não deve ser olhado apenas sob a forma de festim e de trabalho – festim que, no dizer de Burket (2001: 194), “constitui o paradigma da partilha de alimentos, o que por seu turno, é uma forma de colaboração básica entre os seres humanos” – deve sê-lo também sob outra vertente, a da reciprocidade e dádiva. Reciprocidade que se define pela solidariedade que se gera entre os membros que, direta ou indiretamente, participam na matança, o que torna esta festa favorecedora da coesão do grupo.

7.1. O reviver da tradição em Paredes do Rio

Ao contrário do passado, na maioria das aldeias trasmontanas o processo tradicional da matança do porco caiu em desuso. São poucos os que resistem e teimam em dar continuidade a esse processo de criação e matança. Alguns fazem-no porque gostam,

outros porque é uma forma de não desperdiçarem os restos de comida e produtos agrícolas, outros ainda porque gostam de saber o que comem, porque a carne tem outro sabor e, para alguns, porque a venda de um porco assim criado ou produtos dele derivados lhe trazem mais algum dinheiro. Porém, todos são unânimes em dizer que criar porcos caseiros é complicado e só quem tem tempo, paciência e vontade é que o faz. Na verdade os tempos são outros e porque há carne de porco fresca durante todo o ano, não há a necessidade de recorrer aos processos de salga e fumeiro para a conservar, nem à trabalhadeira de estar a criar o porco. Cenário que justifica a tendência para o desaparecimento destes processos tradicionais que Paredes do Rio teima em manter.

É nos princípios de dezembro de cada ano que a aldeia costuma levar a cabo a festa da matança do porco bísaro, de acordo com métodos tradicionais e que este ano comemora a sua X edição. Uma forma de manter tradições de cariz comunitário e da aldeia se voltar para o exterior, ao possibilitar aos inúmeros visitantes, num ambiente festivo, viverem esta tradição, poderem observar e registar todos os passos do processo e participarem da festa num saudável convívio com os habitantes. Neste reavivar de tradições, como forma de as salvaguardar, toda a população se envolve. Os visitantes, por sua vez, podem com ela trocar conhecimentos e memórias, alegrias e saudades e participar, se assim o desejarem, nos trabalhos.

No dia agendado, este ano 11 de dezembro, os visitantes foram recebidos na aldeia de braços abertos, num ambiente de alegria e simpatia. Percebe-se que toda a aldeia se uniu para reviver esta tradição. Por volta das nove horas, os presentes foram brindados com um mata bicho (pequeno almoço) constituído por pão, rojões, fígado, serrabulho (sangue de porco cozido com cebola) e vinho, servido na sede da Associação Social Cultural de Paredes do Rio, sediada num belo edifício de arquitetura rural, totalmente requalificado, mas que se torna já pequeno para receber tanta gente.

Chegada a hora, procedeu-se à matança do animal. A chamusca foi feita com carqueja e não com palha como é usual nas terras vizinhas, o que, segundo um dos habitantes, deixa a carne menos escura. Enquanto se chamusca e lava o porco, não longe do local, pode assistir-se à desmancha de um porco, morto no dia anterior e que serviu para fazer o mata bicho já referido. O processo da desmancha é bastante interessante, pois possibilita conhecer as diferentes partes do animal e o uso culinário que deve ser dado a cada uma. Terminados os trabalhos e pendurado o porco, pôde assistir-se a um animado momento musical e de cantares ao desafio levado a cabo por jovens da Escola de Música da aldeia, que se estendeu até à hora do almoço, no qual participaram cerca de duzentas pessoas a quem foi oferecido um bom cozido à barrosã, como é usual por estas paragens e que só estas gentes sabem fazer.

No final da refeição o presidente da associação possibilitou uma visita guiada pela aldeia. Com o dia a chegar ao fim, tivemos ainda oportunidade de entrar numa cozinha típica barrosã.

A animação proporcionada, o recriar de tradições e os aspetos culturais que de certa forma se refletem na forma de receber e na própria comida, são um conjunto de itens resgatados de um passado que hoje são cada vez mais procurados por turistas e visitantes.

8. Resultados conseguidos

O inquérito aplicado possibilitou-nos conhecer que a amostra era constituída por 55% de elementos do sexo masculino e que a idade dos respondentes se situava, na sua maioria, na faixa etária dos 18 aos 28 (55%), seguida da dos 29 aos 38 (13%), da dos 39 aos 48 (11%), dos 49 aos 58, em igual proporção e, por último, a dos com mais de 59 anos (10%). No tocante a habilitações literárias, 65% dos respondentes possuía o ensino secundário completo,

seguindo-se a faixa dos que o não possuíam (20%) e, por último, os que possuíam um curso superior (15%). A maioria (60%) conhecia eventos que promovem as tradições, a animação e formas de vida das comunidades rurais. Relativamente ao facto das populações rurais se deverem implicar ou não na defesa das suas tradições, 95% dos inquiridos deu uma resposta positiva, os 5% restantes, afirmaram não entender essa atitude como relevante. Dos inquiridos, 55% afirmou conhecer algumas das tradições que anualmente são recriadas em Paredes do Rio. Destes, 80% conhecia o processo da matança do porco e 20% conhecia a segada e a malhada. Dos que conheciam o processo de matança do porco, 25% já tinha participado nele. Quando questionados sobre o que mais lhe agradou nessa sua deslocação à aldeia, 27,3% apontou a festa em si, o convívio e a animação; igual percentagem de respondentes referiu o processo da matança e desmancha, que não conheciam; 18,1% apontou a paisagem; igual percentagem mencionou o património cultural bem preservado; e, por último, 9,2% escolheu o saboroso cozido. Quando questionámos os que não conheciam estas tradições recriadas na aldeia, se gostariam de ter essa oportunidade, 95% dos inquiridos assinalou sim, os restantes não deram qualquer resposta. No tocante à questão: "Em sua opinião, o que mais contribui para atrair pessoas a Paredes do Rio?", 61,3% referiu a recriação das tradições; 11,4% as pessoas e a paisagem; 11,4% a festa em si e a forma como é organizada; 9,1% toda a região e o património que preserva; 6,8% a forma de vida das suas gentes e a gastronomia. Quando questionados sobre se estas formas de preservar a memória são ou não importantes para os territórios rurais, 95% dos inquiridos assinalou sim, os restantes não deram qualquer resposta. Os que assinalaram sim, justificaram a sua resposta dizendo que isso lhes dá maior visibilidade (45%); seguiram-se os que apontaram que sem estas tradições não havia visitantes (23%); 17% referiu que sem visitantes estas vivências acabam por morrer; e, finalmente, 15% dos respondentes

lamentou o facto destes eventos, nomeadamente em Paredes, não serem mais promovidos.

9. Discussão dos resultados

Os resultados conseguidos dão-nos a conhecer que os elementos constitutivos da amostra, apesar de na sua maioria serem jovens, conhecem eventos que promovem as tradições, a animação e formas de vida das comunidades rurais e defendem que as populações se devem implicar na defesa dessas tradições. Que muitos conhecem algumas das tradições recriadas em Paredes e alguns se tinham mesmo lá deslocado por altura da matança do porco. Que gostam de participar nessa recriação, sobretudo pela festa, pelo convívio e pela animação que aí se desenvolve e entendem ser importante a recriação destas memórias, pela visibilidade que dão a esta e outras aldeias. Alguns referiram a necessidade de uma maior promoção destes eventos, uma vez que sem visitantes estas vivências acabam por morrer.

No caso de Paredes do Rio e de acordo com a observação direta que fizemos, pudemos verificar que este recriar de tradições se apresenta como um espaço/tempo privilegiado de demonstração de valores do grupo que as realiza, para além de evidenciarem adaptações a espaços e tempos distintos daqueles em que foram gerados, o que explica, de certa forma, que estes rituais animem a memória e liguem o presente ao passado. Verificámos ainda, que o público presente é constituído pelo conjunto da comunidade, por aqueles que estando fora vêm matar saudades por esta altura e por pessoas estranhas à comunidade. Pelas conversas informais que mantivemos, ficámos ainda a saber que um dos problemas que se coloca à aldeia é o de não ter ainda condições para receber e alojar pessoas na região, problema que esperam vir a superar no futuro. Face a estes resultados, e muito embora eles confirmem as nossas hipóteses de partida, cabe à comunidade de-

cidir o caminho por onde quer enveredar, na certeza de que se esse caminho for o do turismo, tem de se preparar para os desafios que há que enfrentar.

10. Conclusão

Ao concluirmos este trabalho, compete-nos referir que, apesar de algumas limitações que tiveram a ver com as deslocações que a distribuição dos questionários implicou, tudo decorreu de acordo com o previsto. Nele abordámos temas como: a animação como um marco importante na vida das comunidades; tradição e cultura; importância do turismo no espaço rural de Paredes do Rio — aldeia ecomuseu e o simbolismo da matança do porco.

A metodologia adotada sustentou-se num inquérito por questionário, dirigido aos elementos constitutivos da amostra, na observação direta e na participação na recriação da tradicional matança do porco, envolvimento de proximidade que visou alcançar uma compreensão mais profunda da vivência destas tradições locais, cuja recriação reflete uma evidente nostalgia do passado e de uma identidade que agora, conscientemente, se recupera nestas manifestações com grande significado para a comunidade.

Os resultados obtidos vêm, de certa forma, confirmar o que foi tido como as nossas hipóteses de partida, que consideravam a possibilidade da animação, a tradição e a cultura formarem uma tríade indissociável e fundamental no processo de promoção e desenvolvimento turístico de uma região e funcionarem como estratégia âncora no processo de revitalização dos territórios rurais. Com o trabalho pretendíamos alcançar determinados objetivos, o que de certa forma pensamos ter conseguido. Quanto ao desenvolvimento turístico em si, porque este deve ser apreendido como um grande intercâmbio, destaca-se a necessidade de serem planeados os níveis de satisfação humana e não apenas as neces-

sidades económicas, na medida em que a cultura de uma comunidade é o bem que lhe dá sentido e não apenas uma mercadoria que se comercializa. Por último, queremos expressar o nosso desejo de que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, para um melhor conhecimento da realidade e dê alguma ajuda nas tomadas de decisão que esta comunidade venha a tomar no futuro.

Bibliografia

- Almeida, J., e Pinto, J., 1980, *A Investigação nas Ciências Sociais*, Editorial Presença, Lisboa.
- Ander-Egg, E., 2003, *La política cultural a nível municipal*, Instituto Zacatecano de Cultura, Zacatecas.
- Augusto, D., Pinho, J., e Rodrigues, C., 2010, Espaço Rural – Análise integrada multisectorial e pluridimensional no território, *Revista Turismo & Desenvolvimento*, Vol. 13/14, pp. 500-512.
- Burkert, W., 2001, A Criação do Sagrado, *Coleção Ciências do Homem*, N.º3, pp. 139-199.
- Cavaco, C., 2005, Turismo versus animação turística, *Pessoas e Lugares*, N.º30, pp. 2.
- Completo, F., 2005, Animação é a “alavanca da memória”, in Limão, J., *Pessoas e Lugares*, N.º30, pp. 5.
- Cunha, M., 2000, *Animação Educativa através do Teatro: Um projecto de intervenção na área de educação de adultos*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Cunha, M., 2008, *Animação. Desenvolvimento Pessoal e Social, Formação e Práticas Teatrais*, Ousadias, Chaves.
- Cunha, M., 2009, *Investigação Científica: os passos da pesquisa científica no âmbito das ciências sociais e humanas*, Ousadias, Chaves.
- Dias, J., 1984, *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Editorial Presença, Lisboa.
- Dinis, A., 2011, Empreendedores em meios rurais: uma tipologia a partir da perspectiva dos agentes de apoio institucional, in Figueiredo, E., (coord.) *O rural plural – olhar o presente, imaginar o futuro*, Castro Verde, pp. 397-414.
- Ferreira, F., 2005, *O local em educação. Animação, gestão e parceria*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Flandrin, J., e Mantanari, M., 1988, *História da Alimentação*, Terramar, Lisboa.
- Fonte, B., 2001, *A Animação no Contexto Educativo*, Editora Cidade Berço, Guimarães.
- Froufe Quintas, S., e Sánchez Castaño, M., 1998, *Animación Socio-cultural. Nuevos Enfoques*, Amarú Ediciones, Salamanca.
- Martins, L., 1991, A matança, in Brito, J. (coord.), *Portugal Moderno. Tradições*, Lisboa, pp. 199-206.
- Moniz, M., 1995, O Porco na história baixo-medieval de Évora, *Coleção Cadernos de Etnografia*, N.º2, pp. 39.
- Quivy, R., e Campenhoudt, L., 1998, *Manual de investigação em ciências sociais*, Gradiva, Lisboa.

- Santos, I., e Paulino, F., 2010, O documentário etnográfico: da memória ao produto turístico, *Revista de Estudos Politécnicos*, Vol. 8(14), pp. 123-135.
- Santos, R., 2004, *O encanto da lagoa: o imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na lagoa encantada*, Dissertação de mestrado, UESC/UFBA, Ilhéus.
- Shils, E., 1981, *Tradition*, Faber and Faber, Londres.
- Teixeira, D., 2005, *O Ecomuseu de Barroso. A nova museologia ao serviço do desenvolvimento local*, Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Úcar, X., 1992, *La animación sociocultural*, Ediciones CEAC, Barcelona.